

**LEITURA, ESCRITA E USO DE TECNOLOGIAS NA PERSPECTIVA DE
ESTUDANTES DE AÇÕES AFIRMATIVAS NA/DA UFPA**

Bruna Ferro e Silva Pinto (UFPA)¹
(bruna.pinto@ilc.ufpa.br)

Célia Zeri de Oliveira (UFPA)²
(celiazeri@ufpa.br)

Resumo: O presente trabalho, em andamento, realizado especificamente com os(as) alunos(as) de graduação indígenas e quilombolas, participantes do Projeto de Ensino e Aprendizagem *Literacia e Integração Acadêmica: a autonomia pelas vias da aprendizagem e inclusão* (PLIA) da Universidade Federal do Pará, tem como objetivo investigar e compreender os desafios em leitura, escrita dos gêneros acadêmicos e uso de tecnologias apontados por graduandos(as) indígenas e quilombolas do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pará. O projeto de ensino visa promover o desenvolvimento acadêmico dos(as) ingressantes aos cursos de graduação da UFPA em situação de vulnerabilidade socioeconômica aos níveis de formação profissional por meio do atendimento às suas necessidades educacionais. Esta pesquisa, situada no âmbito da Linguística Aplicada, fundamenta-se nos Novos Estudos de Letramento (Lea, Street, 2006; Heath, 1982; Kleiman, 1995, 1998; Macedo, 2021), na Pedagogia dos Multiletramentos (Cazden et al., 2021; Pinheiro, 2016), na perspectiva de Gêneros Discursivos (Bakhtin, 1997 [1953], e dos Estudos Críticos Interculturais (Candau, 2008, 2021; McLaren, 1997; entre outros). Como base metodológica, adotou-se a perspectiva qualitativo-interpretativista. O *corpus* para análise é constituído por dados gerados a partir de questionário aberto e entrevista semiestruturada aplicados junto aos estudantes. Os resultados preliminares demonstram que as ações pedagógicas acompanhadas por atendimentos individualizados e coletivos contribuem significativamente para promover a autonomia, criticidade e a inclusão de estudantes de ações afirmativas nas práticas sociais e tecnológicas da leitura e da escrita na esfera universitária, e sobretudo, para o desenvolvimento das habilidades e competências para/na formação docente/profissional.

Palavras-chave: letramentos; multiletramentos; gêneros acadêmicos; interculturalidade; ações afirmativas

Abstract: The present work, in progress, carried out specifically with indigenous and quilombola undergraduate students, participants in the Literacy and Academic Integration Teaching and Learning Project: autonomy through learning and inclusion (PLIA) at the Federal University of Pará, aims to investigate and understand the challenges in reading, writing academic genres and use of technologies pointed out by indigenous and quilombola undergraduates of the Degree in Literature course at the Federal University of Pará. The teaching project aims to promote academic development of those entering UFPA

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), da linha de pesquisa Ensino-Aprendizagem de Línguas e Culturas: modelos e ações. Especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas (Bolsista Capes).

² Doutora e Mestre em Linguística Aplicada. Professora Associada – UFPA/ILC – da Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL).

undergraduate courses in situations of socioeconomic vulnerability to professional training levels by meeting their educational needs. This research, located within the scope of Applied Linguistics, is based on the New Literacy Studies (Lea, Street, 2006; Heath, 1982; Kleiman, 1995, 1998; Macedo, 2021), on the Pedagogy of Multiliteracies (Cazden et al., 2021; Pinheiro, 2016), from the perspective of Discursive Genres (Bakhtin, 1997 [1953], and Critical Intercultural Studies (Candau, 2008, 2021; McLaren, 1997; among others). As a methodological basis, the qualitative perspective was adopted -interpretivist. The corpus for analysis consists of data generated from an open questionnaire and semi-structured interviews applied to students. Preliminary results demonstrate that pedagogical actions accompanied by individualized and collective assistance contribute significantly to promoting autonomy, criticality and inclusion of affirmative action students in the social and technological practices of reading and writing in the university sphere, and above all, for the development of skills and competencies for/in teaching/professional training.

Keywords: literacy; multiliteracies; academic genres; interculturality; affirmative actions

Introdução

Sabemos que, ao ingressar na universidade, estudantes de grupos sociais diversos se veem em um processo desafiador como a falta de familiaridade com as práticas sociais de leitura e escrita, de gêneros discursivos da esfera universitária e o uso de tecnologias. Assim, buscamos investigar e contribuir com estudos sobre letramentos à luz da Linguística Aplicada. O presente trabalho tem como objetivo compreender os desafios nas trajetórias de letramento acadêmico de estudantes indígenas e quilombolas do curso de Licenciatura em Letras – Português participantes do Projeto de Ensino e Aprendizagem *Literacia e Integração Acadêmica: a autonomia pelas vias da aprendizagem e inclusão* (PLIA), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

O PLIA visa promover o desenvolvimento acadêmico dos(as) ingressantes aos cursos de graduação da UFPA em situação de vulnerabilidade socioeconômica aos níveis de formação profissional por meio do atendimento às suas necessidades educacionais. Esta pesquisa fundamenta- nos Novos Estudos de Letramento, na Pedagogia dos, na perspectiva de Gêneros Discursivos e nos Estudos Críticos Interculturais.

Para isso, analisamos as perspectivas desses estudantes, sobre suas vivências e experiências de eventos de letramento relacionados às trajetórias de letramentos no contexto da esfera acadêmica a partir de entrevista semiestruturada e questionário aplicados no decorrer do projeto. Como base metodológica, adotou-se a perspectiva qualitativo-interpretativista, de viés etnográfico.



No presente artigo recorreremos aos aportes teóricos pertinentes a este estudo. Em seguida, apresentamos os dados. Na sequência, realizamos as análises e a discussão dos resultados e por fim, tecemos as considerações finais.

1 Letramentos e Multiletramentos: práticas sociais de leitura, escrita e tecnologias na universidade

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, no sentido de que a leitura e a escrita são condições essenciais para a participação cidadã efetiva. Desenvolver habilidades e competências através da leitura, interpretação e produção de gêneros discursivos diversos é condição para interagir nas práticas sociais, que envolve diferentes funções comunicativas, em contextos sociais diversos, mas não somente isso.

Visando compreender os processos de leitura e de escrita na esfera universitária, os chamados *New Literacy Studies* (NLS) – em português, Novos Estudos do Letramento – defenderam uma abordagem de vertente sociocultural da leitura e da escrita como práticas sociais, desafiando os modelos dominantes, legitimados pelas instituições tradicionais. Nesse sentido, Lea e Street (2006) sustentam a abordagem a partir de três modelos complementares: 1) Modelo de habilidades de estudo, 2) Modelo de socialização acadêmica e 3) Modelo de letramentos acadêmicos.

No primeiro, destacam-se as competências e as habilidades de estudantes, valorizando aspectos cognitivos e metacognitivos, sendo os estudantes responsáveis ou não pelo sucesso de suas produções escritas. O segundo envolve um conjunto de práticas, considerando que estudantes adquiram, com os professores, os modos de falar e de escrever oriundos da esfera acadêmica. O terceiro considera as práticas acadêmicas de uso da escrita de forma situada, variando de acordo com o contexto, a área do conhecimento e os sujeitos envolvidos.

Dentre as contribuições do grupo dos Novos Estudos do Letramento, outros dois conceitos são essenciais e orientam as pesquisas do letramento: eventos e práticas de letramento. Proposto por Shirley Heath (1982, p. 49), o termo “eventos de letramento” se refere a “qualquer ocasião em que um trecho de escrita é essencial à natureza das interações dos participantes e a seus processos interpretativos” já o de “práticas de letramento” foi assimilado e incorporado por Brian Street (2014, p. 18) em estreita relação com os eventos em nível amplo e abstrato na qual “as práticas de letramento incorporam não só os ‘eventos de letramento’,



como ocasiões empíricas às quais o letramento é essencial, mas também modelos populares desses eventos e as concepções ideológicas que os sustentam”.

Os eventos de letramento são, portanto, situações observáveis e vivenciadas pelos sujeitos na interação com o texto, ou seja, é a cena em que a leitura e a escrita estão envolvidas, seja em espaço escolar ou não. Na universidade, por exemplo, ao lidarmos com a diversidade de gêneros acadêmicos, os professores solicitam diferentes produções de texto de diferentes gêneros, ou seja, as atividades de leitura e escrita são articuladas a partir de critérios previamente definidos. Já as práticas de letramento surgem como complementação aos eventos por estarem relacionados aos significados que os indivíduos atribuem à leitura e à escrita em determinado contexto.

Posteriormente, após o advento dos NLS, em 1994, estudiosos da Linguística, mais especificamente professores de língua materna de seus respectivos países, na cidade de Nova Londres, provindos da Grã-Bretanha, Austrália e Estados Unidos reuniram-se para discutir os problemas do sistema de ensino anglo-saxão e debater os novos rumos para a educação.

O encontro resultou na elaboração de um documento que propunha a suplementação dos NLS, denominado “manifesto programático” que de acordo com Bevilaqua (2013, p. 102) tinham como principais temáticas “a crescente diversidade linguística e cultural presente nesses países (fruto de uma economia globalizada) e a multiplicidade de canais e meios (modos semióticos) de comunicação (resultado das novas tecnologias)”.

O termo “multiletramentos” surgiu no “manifesto” do NLG denominado *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*, em português “Pedagogia dos Multiletramentos: desenhando futuros sociais”, publicado em 1996 numa revista de Harvard, tendo repercutido no mundo todo e influenciado, inclusive, nossos documentos oficiais, como a BNCC, por exemplo. De acordo com Pinheiro:

A proposta do Manifesto é voltada para os estudos semióticos dos textos, envolvendo diferentes formas de produção, veiculação e consumo, expandindo, assim, o conhecimento sobre letramentos. Pode-se, portanto, dizer que o grupo procura apontar, de alguma forma, que o letramento escolar grafocêntrico, mesmo sendo importante, não é suficiente para dar conta das mudanças constantes, sobretudo tecnológicas, que ocorrem tanto local quanto globalmente. (PINHEIRO, p. 525, 2016)

Com a globalização e o advento das tecnologias digitais, o mundo passou por diversas mudanças tecnológicas e modos/meios de comunicação, logo ocasionou transformações das/nas linguagens, tornando-as múltiplas. Rojo (2020), com base em Cope e Kalantzis, define



multiletramentos como “práticas letradas que fazem uso de diferentes mídias e, conseqüentemente, de diversas linguagens, incluindo aquelas que circulam nas mais variadas culturas presentes na sala de aula, para além da cultura valorizada, tradicionalmente considerada pela escola”.

De acordo com pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic) e publicada no site da CNN Brasil, no período da pandemia, 94 mil escolas públicas de todo o Brasil apresentaram dificuldades para realizar as atividades pedagógicas propostas pelo Ministério da Educação. Dentre as principais barreiras, foram citadas: falta de dispositivos (computadores, celulares, etc.); acesso à internet e falta de familiaridade dos professores com os dispositivos (CNN, 2021). Atualmente, no decorrer e após a pandemia, já houve um crescimento de incentivo e políticas voltadas para a implementação de acesso e obtenção de dispositivos às tecnologias digitais.

Por um lado, o Brasil tem um grande desafio, o qual está relacionado às instituições de ensino e os envolvidos no ensino, de pensar possibilidades e criar políticas públicas para superar essa grande lacuna de utilização das TICs e dos estudantes terem condições de aderirem equipamentos tecnológicos. Por outro lado, a proposta de “A pedagogia dos multiletramentos: desenhando futuros sociais”, em relação ao ensino e aprendizagem contribui para repensar os modos e meios das práticas pedagógicas.

No contexto universitário, por exemplo, não basta somente saber ler e escrever os gêneros acadêmicos. É preciso que o/a estudante se aproprie do conhecimento/saber, saiba lidar com os dispositivos tecnológicos para elaboração de slides em uma apresentação de seminário, gravar e editar vídeo, enviar e anexar arquivos e documentos por e-mail, salvar arquivos em nuvem, formatar os trabalhos acadêmicos entre outros. Nesse ínterim, investigamos o que os estudantes indígenas e quilombolas pensam a respeito das práticas sociais de leitura, escrita e uso de tecnologias.

2 Língua(gem) na esfera acadêmica: gêneros do discurso

Considerando o letramento como uma prática situada e contextualizada, construída e socializada a partir das interações entre diversos sujeitos através da utilização da língua(gem), dirigimos o nosso olhar na concepção de ensino de leitura e escrita pela perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin, a partir do uso da linguagem, enunciativo-discursiva, em determinado contexto sócio-histórico que ocorre por meio dos gêneros do discurso.



Vieira e Faraco (2019) assinalam que as práticas de letramento no contexto universitário abarcam, em seus inúmeros eventos de letramento atinentes a essa esfera, tarefas de escutar, falar, ler e escrever. Logo, para participar desses eventos, necessitamos nos inserir nos domínios, principalmente do ler e escrever, próprios dos gêneros desta esfera.

Bakhtin (1997 [1979]), estudioso da linguagem, ao considerar que a língua é viva, em seu uso real e concreto, afirma que tem a capacidade de ser dialógica, isto é, em todo processo de comunicação ocorrem as relações de sentido entre dois enunciados, sendo, portanto, fundamental para os estudos no campo da linguagem. Segundo Bakhtin o enunciado é a representação de uma dada realidade, que ao mesmo tempo que retrata a realidade nela se refrata, portanto, a ressignifica.

Os gêneros do discurso surgem, portanto, a partir das relações cotidianas das atividades humanas estando vinculados com a esfera de atuação, conectando a linguagem com a vida social, logo “é determinado pelas características do campo onde está inserido o gênero, pela prática social de linguagem que o gênero manifesta” (FUZA, STRIQUER, OHUSCHI, 2018, p. 654).

Os enunciados, de acordo com Bakhtin (1997 [1953]), materializam-se em gêneros do discurso no processo de interação em determinadas esferas, logo, em cada uma utiliza-se os gêneros em contextos diversos e com finalidades específicas. Logo, são intrinsecamente conectados pelas três dimensões: conteúdo temático, construção composicional e estilo. Essas dimensões constroem e marcam as especificidades de determinado gênero em dada esfera, estabelecendo relações dialógicas com outros enunciados. (FIORIN, 2020).

Com a globalização e a aceleração tecnológica, alguns gêneros do discurso se mantêm de acordo com as suas dimensões, e outros surgem/aparecem/modificam de acordo com as necessidades de comunicação, como disse o pensador russo os gêneros são “relativamente estáveis”. Isso também ocorre nos gêneros da esfera universitária, através de diferentes suportes e meios de comunicação. Um exemplo dessa mudança, é o e-mail, escrito e enviado digitalmente que hoje assume a função de uma carta que era escrita à mão e enviada por correio. Outro exemplo é o gênero aula, que até antes da pandemia era primordialmente presencial e tornou-se, devido as necessidades humanas, híbrida, ou seja, presencial e on-line.

Um aspecto importante é que a esfera universitária, espaço institucional constituído por diversos sujeitos, alicerçada no tripé ensino, pesquisa e extensão, é responsável por dar continuidade às práticas de letramento em diversas áreas do conhecimento do ensino superior,



sendo as interações comunicativas mediadas pelos gêneros discursivos com funções ideológicas e particulares que constituem essa esfera.

Certamente ao pensarmos sobre o ensino e aprendizagem com gêneros nesse contexto é importante esclarecer que eles variam de acordo com a situação de comunicação, ou seja, o grau de formalidade é a parte constitutiva do gênero. Conforme Vieira e Faraco (2019), quanto ao grau de formalidade, tanto na escrita como na oralidade os gêneros podem ser: informais; semiformais; formais ou ultraformais. Fica claro, portanto, que os gêneros são heterogêneos, ou seja, apresentam grande diversidade a depender da situação de comunicação, cabe esclarecer que a universidade é um lugar de prestígio social, portanto, grande parte dos gêneros dessa esfera ocorrem de modo específico. Haja vista, estudantes que nela ingressam precisam se inserir nessas práticas discursivas.

Dentre os gêneros, orais e escritos, que envolvem e predominam a leitura e a produção textual que circulam principalmente na graduação destacam-se: seminário, resumo, resenha, artigo e monografia. É válido ressaltar que alguns gêneros como o fichamento e o resumo possuem a finalidade de registrar determinado conteúdo lido para posterior consulta do estudante. O seminário, em particular, é mediado tanto pela escrita quanto pela oralidade, visto que, há uma preparação com leituras prévias do conteúdo a ser apresentado, elaboração do roteiro com os tópicos, bem como, preparação de slides, e ensaio da comunicação oral. Este gênero também se expande para o campo profissional.

No escopo da esfera acadêmica, outro importante aspecto é a questão da formatação dos trabalhos acadêmicos. Os estudantes devem conhecer, recorrer e consultar as prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), posto que, suas orientações se aplicam ao fazer científico, como realizar as devidas citações, elaborar as referências bibliográficas, padronizar o documento de modo geral. Inserir-se nessas práticas faz parte do saber e fazer acadêmico-científico.

3 Interculturalidade: possibilidades para a diversidade cultural e inclusiva

Com a expansão do ensino superior, e ainda, diante da diversidade de identidades culturais originárias de diferentes grupos de classes sociais e econômicas, estudantes ao ingressarem na universidade se deparam em desafios postos pela educação de formação histórica eurocêntrica, com destaque para os currículos e modelos de educação tradicional que exigem habilidades e competências necessárias à formação pessoal e profissional. Para atender



a demanda desses estudantes e pela busca de implementar uma educação mais inclusiva, a abordagem de interculturalidade tem estado em destaque.

Diante da globalização, a crescente luta de movimentos socioculturais por ações afirmativas e a expansão significativa de indígenas e quilombolas na universidade, perspectivas têm sido discutidas em relação à educação desses sujeitos para pensar em propostas capazes de (des)construir a diversidade cultural. As instituições de ensino superior têm a responsabilidade de discutir e propor mudanças para a inclusão social, não somente em relação ao currículo como também abordagens e métodos que orientem esses estudantes com identidades de diferentes culturas.

No que tange à educação na modernidade, a professora pesquisadora Vera Candau (2021) defende que as instituições de ensino, seja escola ou universidade, precisam ser reinventadas para enfrentar os desafios do mundo globalizado, desigual, diverso e plural. Para isso propõe uma ressignificação da didática na perspectiva intercultural. Embasamo-nos na mesma perspectiva da pesquisadora, apoiada no multiculturalismo crítico com base em McLaren (1997), que assim como Paulo Freire, indica trilhas por uma pedagogia crítica e libertadora. Nesse sentido, defende a pedagogia crítica com propostas de reformulação de uso da linguagem sem discriminação e de instituições educacionais que valorizem um lugar de integração.

Pode-se pensar a educação intercultural como um espaço humanizado de diálogo que abarca as mais variadas culturas com respeito as singularidades individuais em espaços coletivos, com utilização de instrumentos de acesso e conhecimento para capacitação dos envolvidos e acima de tudo com compromisso de transformação e preocupação em minimizar os conflitos étnico-raciais em busca de democracia, solidariedade e relações mais equânimes entre os diferentes grupos sociais.

Com os desafios impostos pela aceleração tecnológica, pela quantidade de informações, pela inteligência artificial, pela diversidade social nas instituições de ensino, com destaque para os grupos sociais étnicos, principalmente indígenas e quilombolas os quais vivenciam primordialmente atividades do campo mediadas por interações predominantemente orais, é preciso refletir sobre as práticas pedagógicas e as possíveis flexibilizações no ensino.

4 O que os estudantes indígenas e quilombolas dizem a respeito da leitura, escrita e uso de tecnologias no cenário acadêmico?



Em conformidade com as boas práticas estabelecidas pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) e com a Resolução CNS 466/2012, o projeto detalhado foi enviado ao CEP, através da Plataforma Brasil, com Parecer Consubstanciado Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (ICS-UFPA), número 6.226.923.

Com intuito de verificar o que dizem os(as) estudantes indígenas e quilombolas participantes do PLIA sobre desenvolvimento da leitura, escrita e uso de tecnologias, investigamos as perspectivas dos(as) participantes da pesquisa, sendo dois indígenas e dois quilombolas. A coleta dos dados foi realizada a partir de questionário e entrevista semiestruturada, a partir de duas perguntas centrais: 1) Qual sua maior dificuldade acadêmica?, em conversa na entrevista; e 2) Você utiliza equipamentos tecnológicos para realizar suas atividades acadêmicas? Em quais atividades acadêmicas você utiliza?

A seguir apresentamos os excertos da entrevista quanto à questão 1 (Qual sua maior dificuldade acadêmica?):

P1: Compreender os assuntos discutidos em sala. Produção de texto acadêmicos, como resenha fichamento, resumo e artigo, a utilização do word, produção eslaide.

P2: Fazer as atividades escritas e digitadas pois não tenho nem um curso de informática. Elaborar os trabalhos acadêmicos que são digitalizados pois não tenho computador. Consegui fazer meus trabalhos só pois tenho muita dificuldade não sei informática não sei formatar meus trabalhos só aí dependendo dos outros colegas.

P3: E na elaboração dos trabalhos atividades normas, dificuldades com informática nas formatação dos trabalhos. Dificuldades em elaborar texto, tenho muito erro com pontuação.

P4: Compreensão de textos. Produzir textos acadêmicos. Tenho muita dificuldade de compreensão de textos. Escrever textos na escrita acadêmica.

Podemos verificar através dos excertos acima dos participantes que a leitura, no sentido de compreensão de texto, a produção de textos como resumos e resenhas e, principalmente o uso de recursos tecnológicos para a realização da produção de textos e normalização da Associação Brasileira de Normas Técnicas para formatação dos trabalhos são tarefas realizadas com muita dificuldade, quase unânimes nas respostas.

Com a globalização, as novas tecnologias da informação, as mídias, as redes sociais, o contato entre pessoas de localidades distintas com costumes, hábitos, valores diferentes é de extrema importância que esses(as) alunos(as) indígenas e quilombolas que vem de uma realidade primordialmente de atividades realizadas no campo, inclusive com predominância de



uso da linguagem oral e de uma educação básica precária, possam ser inseridos nas práticas de letramento em eventos acadêmicos do saber-fazer acadêmico-científico, que se expande para o campo profissional, para que haja mudanças significativas.

Em determinadas atividades solicitadas pelo(a) professor(a), como a de elaborar um fichamento por exemplo, muito comum na universidade, é preciso realizar determinadas ações para desenvolver a atividade, como ler, observar, selecionar, marcar, etc. Ao realizar essas ações, que é um evento de letramento, com determinados objetivos tem-se uma prática de letramento, que surge em relação estreita com os eventos em determinado contexto e estão relacionados aos significados e produção de sentidos que os indivíduos atribuem a leitura e a escrita. No caso, a elaboração de um fichamento tem objetivos e finalidades de leitura e escrita: a de se apropriar do conhecimento e dos modos de fazer nessa esfera universitária.

Quanto à pergunta do questionário (Você utiliza equipamentos tecnológicos para realizar suas atividades acadêmicas? Em quais atividades acadêmicas você utiliza?), obtivemos as seguintes respostas:

P1: Sim, só nos trabalhos das atividades avaliativo que os professores passam.

P2: Não.

P3: No momento estou usando meu celular ou peço ajuda da minha colega pra digitar no notebook dela.

P4: O chip não uso mais. O Tablet utilizo para pesquisar e fazer trabalhos acadêmicos.

Já em relação à utilização de equipamentos tecnológicos, dois estudantes não têm dispositivos e ferramentas para realização das suas atividades acadêmicas, sendo o celular o recurso disponível. Além disso, precisam de assistência para execução das tarefas solicitadas pelos professores.

Tratando-se dos movimentos pedagógicos propostos pelo NLG, de fato contribuem para promover possibilidades de ensino voltadas para o protagonismo do discente e para a realidade atual de leitura de textos semióticos. A todo momento estamos em constante processo de comunicação, mediado por tecnologias. Diante disso, precisamos desenvolver habilidades e competências de manipulação dos meios e suportes de leitura e escrita, por exemplo, tanto na esfera acadêmica como no campo profissional, pois de acordo com o grupo, somente o letramento grafocêntrico não dá conta das mudanças tecnológicas constantes. Isso pode ser resolvido a partir de oficinas e cursos de curta duração para dar suporte aos estudantes que precisam se familiarizar com estas atividades.



No contexto universitário, por exemplo, não basta somente saber ler e escrever os gêneros acadêmicos. É preciso que o/a estudante se aproprie do conhecimento/saber, saiba lidar com os dispositivos tecnológicos para elaboração de slides em uma apresentação de seminário, gravar e editar vídeo, enviar e anexar arquivos e documentos por e-mail, salvar arquivos em nuvem, formatar os trabalhos acadêmicos entre outros.

Para a plena efetivação de participação cidadã e profissional é necessário que se promova interação e que seja realizada através de múltiplas linguagens contemplando desta forma as dimensões da vida pessoal, profissional e cívica. A proposta do NLG de ressignificação do termo “design” visa abranger essas três dimensões da vida social na tentativa de ligar a produção de sentidos, ou seja, de ideia em movimento numa interação dinâmica e de fundar um currículo linguístico e pedagógico.

Desenvolver habilidades e competências através da leitura, interpretação e produção de gêneros discursivos diversos é condição para interagir nas práticas sociais, que envolve diferentes funções comunicativas, em contextos sociais diversos.

Considerações finais

Ao refletirmos sobre os resultados, constatamos que esses sujeitos participantes do PLIA no decorrer do processo de ensino-aprendizagem renunciaram dificuldades diversas desde o percurso escolar da educação básica até o ensino superior. Em relação às atividades acadêmicas de leitura, produção textual e uso de tecnologias podem ter sido tanto em decorrência da falta de atividades relacionadas a essas práticas no processo de escolarização quanto a falta de familiarização com os gêneros da esfera acadêmica bem como

Em virtude das políticas de ações afirmativas voltadas ao acesso e ingresso dos grupos sociais étnicos no ensino superior, a partir da Lei das Cotas (12.711/2012), faz-se necessário mudanças no sentido do redimensionamento dos princípios teóricos e procedimentos metodológicos orientadores das atividades de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita acadêmica bem como o uso de tecnologias para a permanência e conclusão dos cursos desses estudantes.

Essa necessidade fica bastante evidente nos dizeres desses alunos. A partir da amostragem, tanto de acadêmicos(as) indígenas como quilombolas que relataram ter as mesmas dificuldades. Como subsídios para iniciar esse redimensionamento, defendemos que a assistência pedagógica e o acompanhamento desses acadêmicos promovido pela SAEST –



Superintendência de Assistência Estudantil através do PLIA é de extrema necessidade em relação a dar suporte para o desenvolvimento da autonomia e para a realização das atividades de produção de textos acadêmicos passa, necessariamente, pelo ensino da interpretação das diferentes operações de linguagem.

É no trabalho com a linguagem que se torna possível desenvolver a identidade acadêmica, de forma a proporcionar habilidades e competências para os desafios das situações que são requeridas ao acadêmico.

O letramento como a materialização de uma ação constituída por uma série de operações de uso da língua(gem) que, necessariamente, devem ser vistas pelos agentes da prática de formação e pela instituição universitária que envolvem a linguagem, constituindo uma unidade cuja responsabilidade de realização é atribuída ao indivíduo/sujeito/estudante.

Concluimos que o trabalho do professor em relação ao ensino-aprendizagem da leitura, produção de textos acadêmicos e da utilização dos recursos tecnológicos, alinhados à universidade numa perspectiva intercultural, enquanto instituição de ensino, tem a responsabilidade, visando ao letramento contínuo (capacidade/habilidade de ler e produzir gêneros textuais que circulam na esfera acadêmica), de promover atividades de inclusão e suporte educacional. Ou seja, tendo em vista que o letramento ocorre em todas as áreas do conhecimento e os(as) alunos(as) são provenientes de vários cursos, podemos dizer que o trabalho de letramento deve partir das ações conjuntas das diversas instâncias da instituição de ensino superior, como a Pró-Reitoria do Ensino de Graduação (PROEG), até chegar aos professores das diversas áreas de ensino, e não somente responsabilizar os professores da área de Letras.

Como a investigação não é extenuante, sugerimos que outras pesquisas e projetos de ensino referentes aos multiletramentos, como práticas sociais de uso da língua(gem) em contextos específicos de leitura e produção de textos, sejam postos em voga a fim de promover equidade de oportunidades e preparo para a formação acadêmico- profissional.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997 [1953].



BEVILAQUA, Raquel. Novos Estudos do Letramento e Multiletramentos: Divergências e Confluências. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 05, nº 01, jan./jul, 2013 ISSN: 2176-9125. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/175.pdf>. Acesso: 12 mai. 2023.

CANDAU, Vera M. Educação e didática crítica intercultural [Painel com a Profa. Dra. Vera Maria Candau]. **UFG Oficial**. YouTube, 19 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tP8LtzXID0c>. Acesso em: 07 jul. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FUZA, A. F.; STRIQUER, M. S. D; OHUSCHI, M. C.G. A valoração temática em um anúncio publicitário da empresa O Boticário. In: **Caderno de textos: VII CÍRCULO – Rodas de Conversa Bakhtiniana: fronteiras**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 653-664.

HEATH, Shirley B. What no Bedtime Story Means: Narrative Skills at Home and at School. **Language in Society**, vol. 11, p. 49-76, 1983. Disponível em: [doi:10.1017/S0047404500009039](https://doi.org/10.1017/S0047404500009039). Acesso em: 11 mai. 2023.

JANONE, Lucas. Pesquisa: 93% das escolas públicas sofreram com falta de tecnologia na pandemia. **CNN Brasil**, 26 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-93-das-escolas-publicas-sofreram-com-falta-de-tecnologia-na-pandemia/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. The “Academic Literacies” Model: theory and applications. Theory Into Practice. **College of Education and Human Ecology: The Ohio State University**, nov. 2006, p. 227-236. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/47343136_The_Academic_Literacies_Model_Theory_and_Applications>. Acesso em: 09 set. 2021.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. Trad. Bebel Orofino Shaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

PINHEIRO, Petrilson A. Sobre o Manifesto “a Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures” – 20 anos depois. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 55 (2), mai-ago, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318135166183471>. Acesso em: 13 mai. 2023.

STREET, Brian. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Escrever na universidade: fundamentos**. São Paulo: Parábola, 2019.